

VISIBILIDADES E VISUALIDADES DA MULHER NA FOLIA DE REIS EM RIBEIRÃO DE AREIA-MG

Elmira Vicente Inácio
PPGAV/FAV/UFG

ISSN 2316-6479

Resumo

Com esse artigo procuramos desencadear uma análise no campo visual do universo simbólico da Comunidade de Ribeirão de Areia-MG, especificamente na sua manifestação cultural, a Folia de Santos Reis, realizada no período de dezembro a janeiro, propondo a compreensão de suas práticas socioculturais e educativas através da visibilidade e visualidade do feminino. Nesse contexto entendemos que as mulheres, com as suas práticas e suas dimensões estéticas e simbólicas interagem na construção identitária da comunidade, contribuindo para que os elementos plásticos, visuais e o cotidiano se inter-relacionam nos saberes constituídos individualmente e no grupo social.

Palavra chave: visibilidade, visualidade, feminino, práticas educativas, saberes populares

Abstract

With this article we trigger analysis in the visual field of the symbolic universe of the Commonwealth of Ribeirão Sand-MG, specifically in its cultural event, the Revelry of the Holy Kings, held during December-January, proposing an understanding of their socio-cultural practices and education through visibility and visuality of the female. In this context we understand that women, with their practices and their aesthetic and symbolic dimensions interact in the identity construction of the community, contributing to the plastic, and the everyday visual elements interrelate knowledge consisting in individual and social group.

Keywords: visibility, visual, feminine, educational practices, popular knowledge

1. O caminho pensado

Ao longo do meu processo acadêmico e profissional, o tema Cultura Popular e Arte Popular e os seus processos educativos tem sido uma constante. Foram vários os caminhos pensados, num desejo de desenvolver um trabalho de formação junto ao público jovem e educadores/as que atuam e moram nos grandes centros urbanos e no qual percebíamos um distanciamento e das várias manifestações populares presentes nas periferias de Goiânia, desde Folia de Reis, Congos, Folia Baiana, etc. Assim um grupo de educadores/as da Casa da Juventude Pe. Burnier iniciaram os estudos e visitas de campo em manifestações culturais em Goiânia e entorno.

Iniciamos o aprendizado por meio do Seminário - O que é Arte Popular, tendo como convidados dois educadores: a professora da UFG, Faculdade de Artes Visuais – Leda Guimarães – com a temática “*O que é Cultura Popular*” e com o sociólogo – Nildo Viana atualmente educador da UFG na Faculdade de Ciências Sociais – “*O significado da arte e suas possibilidades na luta pela emancipação humana*”, com a artista plástica – Adriana Mendonça – experimentamos as possibilidades visuais.

A partir deste chão da minha formação, educadora em artes e através do desejo de aproximar, conhecer e experienciar os saberes dos mestres populares com suas possibilidades múltiplas de processos educativos, que segundo Raimundo Martins e Irene Tourinho:

O modo como percebemos, experimentamos e sentimos esses momentos em diferentes contextos de tempo e espaço e, posteriormente, ou até mesmo simultaneamente, o modo como refletimos e organizamos esses fragmentos vividos, configuram a prática da vida que chamamos de experiência. (MARTINS; TOURINHO, 2009)

É no desejo dessa experimentação que há quase seis anos estabeleci uma relação com comunidade de Ribeirão de Areia situada no norte de Minas Gerais, no município de Chapada Gaúcha, através do grupo Cultural Folia de Reis do município, onde a visualidade popular se processa num processo de interação sociocultural e o que me aproxima da linha de pesquisa (c) *Culturas da Imagem e Processos de Mediação*, pela possibilidade de construir e reconstruir a aprendizagem individual e coletiva, que transcendem os espaços formais de educação para um espaço de vida e saberes coletivo.

1.1 As mulheres e o rito da festa

Ribeirão de Areia-MG, trata-se de uma comunidade que tem uma forma bastante peculiar de expressar a sua fé e religiosidade através da Festa de Santo Reis¹, que apesar de ser um festejo e rito religioso dentro da devoção católica, no entanto, na sua organização vem há mais de 15 anos protelando a interferência da Igreja Católica.

Ao contrário de outras folias que o “giro” acontece a partir do dia 24 de dezembro nessa a data é flexível podendo sair de 26 a 28 de dezembro, que

1 Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira, e que ainda hoje mantém-se vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. Na tradição católica, a passagem bíblica em que Jesus foi visitado por reis magos, converteu-se na tradicional visita feita pelos três “Reis Magos”, denominados Melchior, Baltasar e Gaspar, os quais passaram a ser referenciados como santos a partir do século VIII(8).

consiste à saída da casa do imperador/a, e que, a partir daí começa o “giro de folia” em visita as casas da comunidade, cruzeiro santo- cemitérios, igrejas, devotando sua fé no poder divino de Santo Reis. O terno de Folia é composto por 20 cavaleiros/homens expressando através do canto do reisado a chegada pelas mãos do alferes da bandeira com a imagem da “Família Sagrada sendo visitada pelos três reis magos”. Justifica-se a pouca participação das mulheres no terno de folia, devido o giro ser realizado também à noite e algumas vezes justificam por razões históricas:

Os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas; se os foliões levassem mulher na folia, estariam deturpando o sentido da representação; também, dizem outros, nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus; admitir mulher entre os foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização (PORTO, 1982, p. 54).

As mulheres apesar de não serem admitas como membros da folia, contudo a presenças delas é muito forte nas casas onde passam os foliões, nos serviços de base, na feitura: da alimentação, da lapinha, das vestimentas, e na reza dos benditos e da ladainha que finaliza o ápice da festa no dia 06 de janeiro, onde celebra o dia de Santo Reis, sendo a entrega da folia ao imperador – festeiro que paga a promessa – a “imperadeira” como chamam a mulher do imperador, responsável ao final do rito recolher os símbolos dos foliões as “Toalhas” e depois continua o festejo com muita comida, dança e cachaça.



Figura1, feitura do pão de queijo tradicional da festa, acervo equipe de artes Casa da Juventude,2007.

2 Os três reis magos (Melquior, Baltazar e Gaspar) são personagens bíblicos. Segundo o apóstolo Mateus, eles vieram do Oriente, conduzidos por uma estrela. Chegaram na cidade de Belém, local de nascimento do menino Jesus, trazendo presentes (mirra, ouro e incenso).



Figura 2, mulheres lavando as panelas da festa no Rio Ribeirão acervo equipe de artes Casa da Juventude,2007.



Figura 3, reza da Ladainha na casa do imperador, acervo equipe de artes Casa da Juventude, 2007.

Observando que nesta comunidade as mulheres são as principais guardiãs da oração o que segundo Brandão (1977, p.12) “[...] porque são as mulheres as que melhor recordam na integra todos os momentos da reza”, ou sejam, as “rezadeiras” que estão familiarizadas pelas suas avós, mães e tias na manutenção da tradição oral.

Outra característica forte da participação das mulheres é no momento de parada do ritual da cantoria dos foliões nas casas e elas que estão na cozinha ou no terreiro chegam à sala para dançar e cantar o batuque ao som da caixa de folia na grande roda formada na sala o que muitas vezes são citadas nos

refrões como namoradeiras, moça solteira, mulher velha, casada. Arremates de batuques cantados pelas mulheres mais velhas e jovens da comunidade:

Meu anel é trinca trinca/ imbalança eu caio
Caiu na pedra e trincou / imbalança eu caio
Eu também sou trinca trinca / imbalança eu caio
Nos braços do meu amor/ imbalança eu caio
eu caio/ eu caio/ eu caio/imbalança eu caio

Verso

Quando era moça solteira
Usava fita de laço
Agora que sou casada
Uso filho no braço

Me ajuda eu contar
Se vocês forem minhas companheiras
Eu sou velha e não tenho saudade
Da falta vida solteira.

Percebemos que em alguns versos é a mulher quem conquista ou repreende os homens

oi ai ai dona maria
oi ai ai dona maria
você quer morar mais eu
você quer mais eu não quero
vá se embora e deixa eu

as mulheres de ribeirão
são danada pra sambar
de dia corre com a gente
de noite manda chamar

meu amor me deu um fora
achando que eu choraria
eu não choro por pai e mãe
vou chorar por porcaria

menino camisa verde
me diga quanto custou
que eu quero gravar meu nome
no retalho que sobrou

sou pequena no tamanho
muito nova na idade
sou sincera no amor
e muito firme na amizade

O rito também demonstra a relação das mulheres casadas que quando solteiras iam à festa, mas depois de casadas até com foliões são proibidas de

frequentar a festa por ser tratar segundo uma visão retrógada e machista não ser lugar apropriado para mulher casada. Em um desses giros no ano de 2009, ao pararmos em uma das casas da comunidade numa conversa informal dona (J) esposa do folião (D) comentou que não participava porque ele não deixava, pois ela gostava muito da festa, agora que os filhos e filhas são independentes e não moram mais com eles acompanham o pai. Percebemos que os/as jovens ao possuírem vida adulta têm outras formas de relação com a família, pois a grande maioria está trabalhando ou estudando nos grandes centros urbanos Brasília ou São Paulo e vem somente no final do ano para participar dos festejos natalinos.

As mudanças de hábitos culturais e costumes têm provocando conflitos geracionais na comunidade, especialmente no período da festa de folia, em que os mais jovens usam motos, carros quebrando a tradição de acompanhar o giro a cavalo e muitas vezes ligando som mecânico o que é proibido no festejo, somente os instrumentos musicais dos foliões são usados.

O que há algumas gerações dessa comunidade a interação com a cidade grande era coisa muito rara, para a geração atual os/as jovens é coisa cada vez mais obrigatória para sobrevivência. Segundo Hall (2001) esse sujeito pós – moderno está formando novas articulações identitárias, gerando fluxos culturais do local, nacional ao global.

Os fluxos culturais entre as nações e o consumismo global criam possibilidades de 'identidades partilhadas' – como 'consumidores' para os mesmos serviços, 'públicos' para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida que as culturas nacionais se tornam mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural. (Hall, 2001, p. 74).

Essa interação rural e urbana traz cada vez mais para o centro da comunidade conflitos geracionais, provoca, questiona e desestabiliza a identidade do grupo que tem que lidar com a influência de uma identidade agora partilhada.

1.2 Elementos do ritual da festa

Dentre os vários elementos que compõem o ritual da festa, os plásticos-visuais dão configuração ao ritual, desde acompanhamento do ritmo do calendário agrícola e religioso, o caráter coletivo no processo de organização da festa; a vestimenta do terno de folia - a entrega das toalhas bordadas ou pintadas-doadas por um pagador/a de promessa; a preparação da comida - a sua disposição na

mesa; feitura da lapinha-espaco da devoção dos foliões; as visitas nas casas. São elementos com pré-espacos definidos entre homens e mulheres que saem da matéria e forma, para uma representatividade simbólica, seja sociocultural ou de fé, que se configura visualmente nas relações sociais da comunidade.

O tema visibilidades e visualidades é uma chave importante para compreender este espaco de rito estritamente masculino, o papel das mulheres que muitas vezes reproduzem na educação e transmissão do saber a suas filhas os afazeres domésticos e aos meninos cabe à manutenção da tradição.



Figura 4, jovens filhos de foliões, tocando no terreiro de Preta viúva de mestre Itinho precursor da folia na comunidade, acervo equipe de artes Casa da Juventude, 2007.

Analisar e relatar estes processos educativos das mulheres na manutenção e reprodução da dominação nos ditames do patriarcado através de narrativas visuais é proporcionar um estudo da transmissão do saber e de práticas socioculturais de uma comunidade que através de seus ritos, símbolos, valores e costumes, se reinventam e somam forças para uma luta constante de “consentimento e resistência” Hall (2003, p.246).

Nestes anos de aproximação, o modo de vida da comunidade é um espaco de múltiplas possibilidades de compreender o termo “tradição” e “popular”, e a transformação cultural que nas palavras de Stuart Hall:

A “transformação cultural” é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas de praticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. (...) A transformação é a chave de um longo processo de “moralização” das classes trabalhadoras, de “desmoralização” dos pobres e de “reeducação” do povo. (HALL, 2003, p.232)

Este “povo” é o que resiste neste espaco já citado em algumas obras literárias, sendo uma delas o romance “Grande Sertão Veredas” de Guimarães

Rosa, em 1956. Os conflitos de luta pela terra ainda permanecem, hoje visto pelo olhar do agronegócio que arditosamente vem comprando as terras próximas à comunidade e derrubando o cerrado, secando as veredas - espaço dos buritizais- para criar gado ou plantar capim, assoreando os rios e tudo em prol do tal “progresso”, que é para poucos detentores do poder local.

Uma comunidade com laços familiares arraigados de valores e crenças, formada pelos primeiros moradores de remanescente de quilombo – Vão dos Buracos – uma comunidade próxima. É um grupo em que cada família tem uma forma de sobrevivência vendendo: artesanato de esteiras com folhas de buriti, farinha de mandioca e polvilho, rapadura, mel, hortaliças, queijos, doces de buriti, pequi e no fornecimento de biscoitos e bolos a escola rural local.

Uma região que conta com mais de vinte grupos de Folia de Reis, conforme relato do prefeito Raimundo Gomes Ribeiro, de Chapada Gaúcha – MG, todas com suas especificidades culturais, sendo a Folia de Reis de Ribeirão de Areia a que mais demonstra uma organicidade comunitária, mas que também não impede de ter suas tensões.

1.3 Abordagens Narrativas e Visuais

A pesquisa narrativa histórica epistemológica será desenvolvida a partir de uma abordagem no campo visual que conjuntamente com outras áreas do saber possam abranger as variadas interpretações das estruturas socioculturais no campo das ciências humanísticas: sociológicos, históricos, filosóficos. Centrada em duas questões, mas não exclusivas: Como a visibilidade e a visualidade das mulheres na Folia de Santos Reis na pós- modernidade contribuem para a manutenção ou modificação das relações sociais a qual foram familiarizadas no modo de vida da comunidade de Ribeirão de Areia? A Folia de Santo Reis de Ribeirão de Areia - MG, através de sua visualidade, seu saber, oferece múltiplas possibilidades de colaborar nos processos educativos na compreensão da cultura visual contemporânea?

Para adentrar no registro visual a partir do modo de vida e das relações sociais que compõem a comunidade de Ribeirão de Areia, conforme denomina Weber de relações comunitárias “quando e na medida em que a atitude na ação social repousa no sentimento subjetivo dos participantes de pertencer (afetiva ou tradicionalmente) ao mesmo grupo” (Weber, 1991 p. 25), se faz necessário abordar os “territórios da vida” o sertão, onde expressam laços profundos e que conforme Brandão “(...) o *sertão* e suas beiras forma o lugar da vida dos ‘homens pobres’,

seus desbravadores” (BRANDÃO, 1995, p.157). O território é uma construção social e que pressupõe a vida em toda a sua singeleza, como coloca Zilá Mesquita:

O território é o que é próximo; é o mais próximo de nós. É o que nos liga ao mundo. Tem a ver com a proximidade tal como existe no espaço concreto, mas não se fixa a ordens de grandeza para estabelecer a sua dimensão ou o seu perímetro. É o espaço que tem significado individual e social. Por isso ele se estende até onde vai a territorialidade. Esta é aqui entendida como projeção de nossa identidade sobre o território... (MESQUITA, 1995, p.83).

O processo dialético do movimento da Cultura Popular entre contenção e resistência, e o processo dinâmico de sua capacidade de reorganizar e recriar, o processo dramático das transformações tecnológicas e o seu processo de redefinição do padrão cultural no século XXI e a dissolução das culturas populares tradicionais será abordado através dos estudos de Stuart Hall, o Nicolau Sevcenko, Peter Burke e com Alfredo Bosi em dialética colonização que traz uma oposição da visão romântico-nacionalista, que considera os valores transmitidos pela cultura popular, mas que ao mesmo tempo é ignorada ou apropriada como categorização popularesca ou populista pela cultura erudita e cultura de massa. E, sua tese, exemplifica:

A cultura popular pertence, tradicionalmente, aos estratos mais pobres, o que não impede o fato de seu aproveitamento pela cultura de massa e pela cultura erudita, as quais podem assumir ares popularescos ou populistas em virtude de sua flexibilidade e da sua carência de raízes (BOSI, 1992, p. 226).

No campo de investigação da visualidade popular, conforme Leda Guimarães a “visualidade toma conta das relações sociais que alteram a produção de sentidos em torno daquilo que observamos inclusive condicionando ou alterando o modo como percebemos ou deixamos de perceber algo”. Que neste processo dinâmico e transformador, como recurso investigativo, no enfoque de narrativas visuais se faz necessário à apreciação de alguns autores, que falam sobre esses processos. Assim, Leda Guimarães, Raimundo Martins, Irene Tourinho, Maria Emilia Sardelich, Menezes, Ella Shohat e Robert Stam, serão os aportes teóricos para a elaboração analítica descritiva das visualidades para produção educativa do conhecimento sociocultural da comunidade investigada.

Notas de conclusão

Assim, como diz Flavia Bastos (2005, p.83), “Conectar arte e comunidade no cotidiano da arte-educação abre portas para uma forma politizada de ensinar,

aprender e agir nas comunidades com as quais interagimos”. Refletir sobre as práticas sociais e culturais da comunidade rural de Ribeirão de Areia e sua visibilidade e visualidade através do olhar feminino, significa ir para além da apreciação do objeto, como diz Fernando Hernandez (2007), “as construções sociais que encontramos nas artes contêm representações dessas realidades sociais”, e ao me aproximar desta realidade provoque um novo olhar para as representações visuais, numa perspectiva de reconstrução do modo de ser, pensar e agir.

Referências bibliográficas

BASTOS, Flávia. Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. *In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*, v. 3, n. 1 p. 71-84, jan- jun 2005.

BOSI, Alfredo. **Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras**. In: *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 308-345.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional. In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Territórios do Cotidiano** uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. p. 155 – 177.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

CANCLINI, Nestor Garcia. Das Utopias do Mercado. In: **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. CANCLINI, Nestor Garcia. 4ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. (Ensaio Latino-americanos, 1), p. 31–66.

DEUS, Maria Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. **História das Festas e Religiosidades em Goiás**. Goiânia: AGEPEL/UEG, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores de Cultura Visual** – Proposta para uma nova narrativa educacional. Editora Mediação, 2007.

HALL, Stuart. Notas sobre a Desconstrução do Popular. In. HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Organização Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.247–266.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 5º ed. Rio de Janeiro: DPeA, 2001

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação da Cultura visual: Narrativas de Ensino e Pesquisa**. Santa Maria (RS): Editora da UFSM, 2009.

MARTINS, Raimundo. Porque e como falamos da cultura visual? *In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual*, v. 4, n. 1 e 2, p. 65-79, jan-dez 2006.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 45, pp. 11-36, 2003.

MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. *In: MESQUITA, Zilá; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.)*. **Territórios do Cotidiano** uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS – Ed. Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC, 1995. pp. 76 – 92.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de Imagens, Cultura visual e Educativa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SEVCENKO, Nicolau. Máquinas, massas, percepções e mentes. *In: SEVCENKO, Nicolau*. **A corrida para o século XXI: No loop da montanha - russa**. 02. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.v.01. 73-82.

SHOHAT, Ella e STAM, Robert. A estética da resistência. *In: Crítica da Imagem Eurocêntrica*. Tradução Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 407–434.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a Arte** - O pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34, 1998.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. da Unb, 1991.v.1.

Acervo de imagens, equipe de Artes da Casa da Juventude Pe. Burnier. Goiânia. 2004/2010.

Documentos eletrônicos

GUIMARÃES, Leda. Narrativas Visuais: ferramentas estéticas/investigativas na experiência docente. *Educação & Linguagem, Brasil*, 13, apr. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/2438>. Acesso em: 25 Sep. 2011.

Minicurrículo

Elmira Vicente Inácio é bacharel em Design de Moda/FAV/UFG (2001), Especialista em Arte Contemporânea/FAV/UFG (2006). Figurinista e Arte Educadora na Cia das Artes Canjirão/GO. Atualmente no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual - Mestrado/Doutorado. FAV/UFG. E-mail: elmirainacio@gmail.com

ISSN 2316-6479